

## **Descriminalização já!**

(03/08/2006)

### **Por que legalizar o uso das drogas**

por Ricardo Corrêa Coelho\*

Dois meses atrás, em meio ao calor das ações do PCC nos presídios paulistas, o velho Hélio Jaguaribe publicou no Estadão um artigo em que relaciona, de forma que me pareceu muito feliz, a criminalização do tráfico de drogas com a criminalidade propriamente dita. Em um determinado ponto do seu texto ele afirma, categoricamente, que "o mundo perdeu a guerra da droga". Esse me parece ser um bom ponto para se começar uma discussão séria sobre a legalização das drogas neste país, pois elide qualquer julgamento moral sobre o seu uso. Estou consciente que essa não será uma discussão fácil, pois existe um enorme tabu em torno do tema, no Brasil e no mundo. Sei também que enquanto o Bush filho estiver na Casa Branca não haverá qualquer possibilidade dessa discussão resultar em ações de descriminalização em escala mundial. Mas apesar disso, acho que não se pode mais evitar o debate público do tema. Acho que se poderia desenvolver três argumentos contra a manutenção da criminalização das drogas: a sua inutilidade, a sua incoerência e seus efeitos nocivos sobre o conjunto da sociedade.

A criminalização das drogas é inútil porque existe um mercado mundial para elas e a experiência mostra que os mercados não são abolidos por meio de leis. Havendo demanda, haverá também sempre aqueles dispostos a supri-la, por maiores ou menores que sejam os riscos envolvidos. A proibição de um produto qualquer apenas eleva os riscos para produtores, comerciantes e consumidores, o que acarreta na elevação do seu preço, mas não o elimina do mercado. Esse é um princípio elementar de economia política que os moralistas, ainda que liberais, fingem ignorar, como se as leis de mercado só fosse aplicáveis aos produtos lícitos.

A criminalização de certas drogas, e não de outras, é também incoerente porque há drogas legalmente produzidas e comercializadas por grandes empresas, como é o caso do álcool, que causam em alguns indivíduos efeitos devastadores sobre a sua saúde, sua vida familiar e até sobre a coletividade onde vivem. O tabaco também produz efeitos altamente nocivos nos seus consumidores, embora não provoque transtornos comportamentais como o álcool. Apesar de todos esses malefícios para lá de conhecidos e comprovados, não se pensa em criminalizar o seu consumo. Não há, portanto, qualquer justificativa plausível para se manter a criminalização, por exemplo, da maconha e cocaína e a legalização do álcool e do tabaco.

Os efeitos sociais nocivos da criminalização das drogas são também diversos. Ao tornar o consumo de drogas um caso de polícia, o Estado perde completamente o controle sobre o ciclo do produto comercializado. A legalização, ao contrário, permite que os órgãos de vigilância sanitária controlem a qualidade dos produtos produzidos e comercializados, evitando que males maiores se produzam. É assim que se procede com as destilarias de bebidas alcoólicas, com as fumageiras etc. Mas no caso das drogas ilícitas, ninguém tem qualquer controle sobre o que se encontra misturado àquilo que se vende, por exemplo, como maconha ou como cocaína. Perante a lei, o traficante que vende cocaína pura é tão criminoso quanto o que a mistura com pó de giz, de mármore ou de vidro, o que é um completo absurdo em termos de saúde pública.

Os efeitos perversos sobre a saúde pública acabam também pesando sobre o sistema de saúde. A sociedade terá de arcar com os custos do tratamento dos drogados sem que um centavo sequer tenha sido recolhido em toda cadeia de produção e distribuição da droga. Por isso também a legalização se apresentaria como a solução mais razoável, garantindo um padrão mínimo de qualidade de

droga consumida e taxando-a pesadamente, como hoje acontece com as bebidas alcoólicas e com o cigarro, vinculando o dinheiro arrecadado ao sistema de saúde.

Quanto aos efeitos sobre a segurança pública, esses então são para lá de conhecidos. Da mesma forma que a proibição do jogo do bicho aproximou os bicheiros do tráfico de drogas, esse se associou a outras formas de crime muito mais perigosas, como o tráfico de armas, roubo de cargas etc. Além disso, todos os envolvidos com a imensa rede do tráfico acabam ficando fora da proteção do Estado e inteiramente reféns dos chefes do crime. E se o combate ao tráfico é impossível, o combate ao crime não o é.

\*Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental do Ministério da Educação.